

A MÍDIA E SUAS FACETAS PARA UM MUNDO POLITICAMENTE CORRETO

*Francisco Walleinstn dos Santos Silva**

Resumo: A mídia possui diversos meios de se estabelecer frente à sociedade. Em detrimento disso, tratamos no presente trabalho do politicamente correto e da forma como é levado às pessoas no contexto da atual sociedade, devido sua expressão encontrar-se permeada de ideologias veiculadas pela informação frente à valores éticos e culturais. Sobre esta temática, definida com tamanha relevância em meio ao universo midiático, discorreremos a respeito do poder manipulador da mídia, do ponto de vista sociopsicológico relativo ao assunto em questão. Considerando a aceitação e conseqüente massificação de tais ideologias, ao tratar desta temática, partiremos da manipulação como meio necessário para se firmar e, principalmente, para se ajustar, garantindo assim a realização das suas diversas facetas. Com vistas à uma melhor reflexão acerca do poder manipulador frente à liberdade de expressão, desenvolvemos este tema fundamentados em pesquisas bibliográficas que nos possibilita alcançar uma percepção ampla do quanto o politicamente correto é forçosamente repassado pela mídia, bem como dos possíveis impactos acarretados ao público em decorrência disso.

Palavras-chave: Mídia. Manipulação. Ideologia. Politicamente correto.

Abstract: The media has several means for presenting itself to society. Against this background we discuss in this work the politically correct and the manner in which it is brought to people in the context of the present society, due to the fact that it is penetrated with ideologies to propagate through the information ethical and cultural values. Concerning this theme, defined as being of great relevance in the media universe, we deal with great respect the manipulating power of the media, from a sociopsychological point of view relative to the matter in question. Considering the acceptance and consequent massifying of these ideologies treating this theme, one is brought from manipulation as a necessary means to consolidate and, especially, to secure and adapt in an effort to guarantee the realization of the various features in question. Keeping in mind a better reflection of the manipulative power against the freedom of expression, we developed this theme based on bibliographical research that made it possible for us to arrive at a more ample perception of how politically correct what is forcibly repassed by the media, as well as the possible impact on the public because of this.

Keywords: Media. Manipulation. Ideology. Politically correct.

INTRODUÇÃO

No presente trabalho, propomos uma exposição teórico-metodológica voltada ao tema politicamente correto na área da mídia. Relacionando-o com a sociedade no contexto atual é

* Aluno do Curso de Bacharelado em Filosofia pela Faculdade Católica de Fortaleza. Artigo produzido como pesquisa na disciplina de Ética II, 2018.1, orientado pelo Prof. Dr. Pe. Marcos Mendes Oliveira.

perceptível como ele está arraigado pela própria expressão popular e, além disso, tende a se alastrar ainda mais. Em face a esta realidade, torna-se possível a constatação e conseqüentemente a afirmação da existência das várias facetas da mídia no que diz respeito à disseminação do politicamente correto, e o público alvo torna-se vítima dessas ideologias.

Para tanto, em nossa exposição, partindo do que já foi produzido neste campo, voltamos o escopo do nosso trabalho para a problemática referente aos meios de difusão de informação. Considerando que o politicamente correto está presente, dentre outros seguimentos, na educação, na arte, nos detemos aqui em apenas uma das suas formas de expressão, a mídia. O que nos possibilita, a partir de então, ter bases para análise das suas facetas, manifestadas de formas distintas e repletas de aparatos simples e estratégicos, cujo alcance é uma vastidão de normalizações.

Finalmente, tomamos “faceta” aqui em seu sentido figurado: característica própria de algo, como um meio de abarcar o universo de informações referentes ao assunto. Buscaremos transpor ideias e manifestações sobre o tema a fim de que haja um embasamento mais eficaz, de modo que a estrutura do trabalho estabeleça uma correlação com o atual estado-nação em que vivemos com ênfase para esta realidade do *modus operandi* das muitas facetas da mídia para um mundo politicamente correto.

1 Para início de conversa: a mídia do Brasil e os brasileiros

As relações da mídia e da população em nosso país são estreitas, afinal, qual sociedade vive sem informação? O acesso à informação é, sem dúvidas, necessário para a manutenção do sistema econômico-político-social, o perigo é quando nisso se sobressai a faceta da estipulação de valores: somos levados a aceitar arbitrariamente os mandos e desmandos da massificação que, além de estabelecer as tendências quando impõe marcas de roupas, estilos de calçados, modelos de aparelhos eletrônicos, também dita as palavras a serem expressas.

[...] Dramas ou comédias foram produzidos com o intuito de transmitir mensagens que postulassem a conscientização social e a luta política em prol da democratização e/ou pleiteassem provocar ponderações acerca das analogias de gênero, dos valores morais, das imposições do poder e das hierarquias existentes no cerne da sociedade brasileira.¹

¹ PELEGRINI, Sandra C. A. **Autoritarismo versus liberdade de expressão: o teatro brasileiro dribla a censura com perspicácia.** Revista Antíteses, v. 8, n. 15. 2015. p.70.

De já, abordando esta realidade dos meios de comunicação no Brasil, que vão impondo seus ideais, e ainda no que diz respeito ao modo como são repassados, não poucas vezes, se utilizando das suas artimanhas para se consolidarem. Uma vez atingidos por esta problemática, é congruente presumir que do poder da mídia provém mais do que lançamentos de tendências, tendo em vista que está em todos os lugares, possui alcance inimagináveis.

Se o vocabulário mais expresso é proveniente dos veículos de difusão de informação em massa, presume-se que a própria liberdade de expressão está em posse da mídia. Posto isso, vale ressaltar que a supervalorização do politicamente correto vai tomando impulso em meio a negligência da coletividade em não tomar de consciência diante dos mais diversos recursos manipulatórios, ainda pior é quando vigora a máxima: “papéis dados, papéis assumidos”, como uma convenção inerte, totalmente cerrada e intocável para a conseqüente omissão. Enquanto ganha forças, vai fundamentando-se no território brasileiro e no mundo, faz isso por meio destas facetas inerentes e capazes de influenciar seguimentos-alvo, repercutindo desde uma simples boa intenção, até mesmo, discursos completos de cunho ideológico, e

[...] de boa intenção, o politicamente correto passa a ser visto como hipocrisia. E de hipócrita a algo fundamentalmente errado. Como lidar com o excesso de correção política, então? Não temos a pretensão de dar uma resposta definitiva. Mas sair xingando os outros de gordo, aleijado, retardado e baranga estuprada é que não vai ser.²

São muitos excessos, de fato, que chegam rigorosamente ao público, a mídia diz, a sociedade acata; não se fala simplesmente de uma aceitação simplória, mas de uma aclamação sem precedentes, sem questionamentos, e isso é alarmante, ao passo que “a exploração dessa temática na mídia não é apanágio dos meios de comunicação brasileiros; ela faz parte de uma preocupação maior, argumentada numa escala mundial”.³ Por conseguinte, em posse desta potência surgem os meios de introduzir a massa em uma espécie de molde, onde todos devem pensar igual, falar igual, ser igual. Indubitavelmente identificada como o “grande cérebro” da sociedade contemporânea, elencando as formas de usos da comunicação para refazer o modo de pensar do cidadão, e em casos mais extremos, tirar a própria liberdade de uma tomada de posição da maneira como gostaria, é o massificador efeito midiático, e nem sempre isso se dá de forma pacífica.

² HORTA, Maurício. **O que você pode falar, afinal?** Super Interessante – Cultura. Publicado em 21 jun 2011. Disponível: <<https://super.abril.com.br/cultura/o-que-voce-pode-falar-afinal/>>. Acesso em: 9 abr. 2018.

³ JORON, Philippe. **A sacralização do cotidiano na mídia.** Contemporânea, v. 6, n. 2, p. 16-27. 2008. p. 24.

2 Violência na comunicação: faceta que não está para brincadeira

Tendo inicialmente aludido à triste realidade dos meios de comunicação no Brasil que vão impondo seus ideais, percebemos, ainda no que diz respeito ao modo como esses ideais são repassados, e não raro, poderão se utilizar de artimanhas violentas para se consolidarem enquanto difusores de tais informações, inclusive na delimitação deste.

Diante das atribuições midiáticas, delimita o que é a “regra fundamental da linguagem politicamente correta [...]: nunca use uma palavra que humilhe, discrimine ou zombe de alguém. Encontre uma forma alternativa de dizer a mesma coisa”⁴ em um mundo tão permeado por ódio e desejos de poder cada vez mais acentuados. A realidade da violência já tão intrínseca nesta conjuntura, dever-se-ia, no mínimo, buscar meios de superá-la, no entanto, aqueles que dominam as ideias parecem querer disseminá-la.

A constituição do nacional, o modo como organizamos nossas ideias, a nossa noção de tempo ou espaço – tudo é marcado pelas tecnologias que usamos para falar uns com os outros. Nossas relações sociais são elas mesmas já construídas pelos meios de comunicação – o que, aliás, é sempre complicado para a sociologia mais tradicional, que preferiria analisar o “Facebook” como algo que é sobreposto a um social dado.⁵

Philippe Joron, professor francês, durante uma entrevista sobre as várias faces da violência, se detém sobre a “parte maldita e o lado escuro da TV brasileira” em sua fala, trata das diferentes facetas da violência midiática que circunda os lares dos brasileiros. Ao ser perguntado [pela Revista FAMECOS] como a mídia, em especial a eletrônica, contribui para a propagação da violência, responde:

Com certeza a mídia é responsável pela propagação da violência, sim. Depende da mídia e dos programas. No Brasil existem alguns programas que, a meu ver, estão difundindo, estão repassando alguma informação, mas o tratamento dessa informação, a encenação dessa difusão da violência, da maneira como estão repassando a violência para o telespectador, é como se fosse um teatro em torno do assunto.⁶

⁴ ALVES, Rubem. **Linguagem politicamente correta. Pragmatismo Político.** Disponível: <<https://www.pragmatismopolitico.com.br/2014/07/rubem-alves-linguagem-politicamente-correta.html>>. Acesso em: 9 abr. 2018.

⁵ PAIT, H., SALES, R. **O jagunço eletrônico: patrimonialismo, mídia e democracia no Brasil.** Em: SIMIS, A., et al., orgs. Comunicação, cultura e linguagem [online]. São Paulo: UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. Coleção desafios contemporâneos. p. 203.

⁶ JORON, Philippe; Paul Valéry-Montpelier II. **A parte maldita e o lado escuro da TV brasileira.** Revista FAMECOS- Mídia, Cultura e Tecnologia, v. 12, n. 26, ano 2005. p. 12.

Percebe-se as diferentes facetas da violência midiática, ainda que diante de tantos clamores por paz. Notadamente, a parcela da mídia em se utilizar do espaço que tem para incitar a violência manifesta-se em tal caso que “a praga PC é uma mistura de covardia, informação falsa e preocupação com a imagem”⁷ na qual os meios de comunicação, cujo papel foge às regras, isto é, vão além do que deveriam ir, acabam ditando outras, que tão-só são acatadas.

Não obstante, os indivíduos encontram-se envolvidos de tal forma por este pensamento que se torna difícil uma visão ampla, ou seja, acarreta uma série de limitações, apesar disso, “[...] boa parte dessa [violência] é uma reação à onda politicamente correta das últimas décadas. A incorreção, nesse sentido, virou uma arma para defender a liberdade de expressão, que só existe quando você também é livre até para pensar o impensável e dizer o impronunciável.”⁸ No instante em que os desejos da pessoa, isto é, seus direcionamentos, são próprios dela, ao passo que a integram, como naturalmente percebido no despontar da sua história de vida, muita bagagem violenta é oferecida pela cultura, em vista disso, corre o risco de se tornar menos importante o fato dos veículos de comunicação se lançarem nesta liberdade. Triste realidade, já se infere uma postura de recessão diante de tanta novidade trazida pela comunicação.

Os meios de comunicação não apenas espelham alguma faceta social (ou a reforçam), como um livro em particular talvez reflita ou construa um aspecto de uma cultura, mas eles constroem culturas inteiras – no caso do livro em geral, estimulando a leitura, o raciocínio abstrato e o debate interpretativo. Ou seja, os meios de comunicação forjam culturas, mas são instituições eles próprios, tais como um partido ou universidade. São, digamos, tanto a estrutura de um sistema solar, quanto um planeta específico deste sistema.⁹

As regras equivalem a uso da autoridade, se tanto espaço foi dado à mídia, esse espaço está bem demarcado, outorgado por assim dizer, surge para tanto, um *locus* de controle externo,¹⁰ mais ainda este espaço é fonte de desprestígio, por que não dizer, um sinal de recuo à valorização de ideias.

⁷ PONDÉ, Luiz Felipe. **Guia Politicamente Incorreto da Filosofia**. São Paulo: Leya, 2012. p. 27.

⁸ HORTA, Maurício. **O que você pode falar, afinal?** Super Interessante – Cultura. Publicado em 21 jun 2011. Disponível: <<https://super.abril.com.br/cultura/o-que-voce-pode-falar-afinal/>>. Acesso em: 9 abr. 2018.

⁹ PAIT, H., SALES, R. **O jagunço eletrônico: patrimonialismo, mídia e democracia no Brasil**. Em: SIMIS, A., et al., orgs. Comunicação, cultura e linguagem [online]. São Paulo: UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. Coleção desafios contemporâneos, p. 201 - 202.

¹⁰ Um *locus* de controle externo, é uma crença sobre se os resultados de nossas ações são contingentes de eventos fora do nosso controle pessoal”, disponível em: <<http://psicoativo.com/2016/07/locus-de-controle-interno-externo-psicologia-teste.html>>.

3 Comunique-se, mas faça-se obediente às regras

A humanidade lida atualmente com o fato da globalização como “um tudo se organizando a partir das interações entre constituintes.”¹¹ De certo modo é seguro afirmar que muita coisa melhorou desde então, entretanto, esta realidade presentificada torna a comunicação a grande arma do momento, dado que é nesta sociedade globalizada, com as informações circulando na velocidade da fibra ótica onde mais rapidamente ainda surge a problemática:

Procuramos estabelecer conexões com o mundo frente às telas de televisão, de computador, de celular. Nossa atenção converge para o buraco negro das telas da mídia, e em torno delas tramamos nossas teias imaginárias de sociabilização. A mídia é o novo “centro do mundo”, exercendo o poder totêmico em torno do qual a sociedade busca se agregar. Tudo para lá converge e ela nos devora com seus mil olhos eletrificados.¹²

Frente a esse imenso desafio, eis que emerge a dificuldade de lidar com as configurações da nova atmosfera, a que está voltada para seus meios de se consolidar, surge a conveniência da adequação do modo de pensar do corpo social, com a inundação de alguns pensamentos dentro de comunidade, pode-se alcançar muitos. São grandes desafios para

[...] a “comunidade”, cujos usos principais são confirmar, pelo poder do número, a propriedade da escolha e emprestar parte de sua gravidade à identidade a que confere “aprovação social”, deve possuir os mesmos traços.¹³

De fato, os laços que unem os indivíduos estão se tornando cada vez menos firmes, relações são desfeitas por tão pouco, e se não há “aprovação social” vem a crise de identidade, perde-se a centralidade, e as mentes ficando mais vazias, a reflexão com relação ao que está em volta, já não há espaço para refletir, e quando o tem, acontece de forma rasa, sem efeito. O novo sobrevém às custas do que antes existia no lugar, e não pode ser de outra forma diante desta ótica míope do individualismo.

¹¹ MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**; [tradução Eloá Jacobina], 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 20.

¹² CONTRERA, Malena S. **Ontem, hoje e amanhã: sobre os rituais midiáticos**. Revista FAMECOS - Mídia, Cultura e Tecnologia, Porto Alegre. v. 12. n. 28, 2005. p. 118.

¹³ BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. [Tradução: Plínio Dentzien]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2003. p. 62.

Neste aspecto, é coerente afirmar que um discurso politicamente correto se torna excêntrico à medida em que adentra cada vez mais às mentes do sujeito-ouvinte, este ingresso se dá da pior forma possível já que não é meramente discurso, mas se internaliza como uma doutrina a ser posta em prática. Nisto, consideramos que

[...] a idéia [sic] de manipulação, de uma influência direta dos meios de comunicação, se constrói, portanto, quando se concebe um sujeito que tem uma “verdade” ou essência interior, mas que pode se vergar conforme a força do que lhe é apresentada por aqueles que, conhecendo o que ele porta de mais íntimo ou os processos que lhe determinam, utilizam isso para conseguir que ele adote certas atitudes ou comportamentos (seja comprar um produto, assumir uma forma de ser ou adotar uma posição política).¹⁴

Note-se que são muitos os sustentáculos da mídia para deter tão grande poder manipulador, haja vista que seu discurso é ideológico e voltado, claro, para seus interesses particulares. É evidente que tal alcance não é vil acaso, ao longo da história do nosso país foi se consolidando essa forma de posicionamento, “como uma modificação local repercute sobre o todo e como uma modificação no todo repercute sobre as partes”.¹⁵ No que diz respeito às regras politicamente corretas, é perceptível que não possuem uma linha cujos valores morais sobressaiam. Diante de um discurso vexatório sobre uma situação corriqueira é quase impossível desfazer a impressão que foi repassada, e assim, é assumido pelos ouvintes uma opinião sobre o acontecido, e esta posição que foi indubitavelmente imposta, as vezes são contrários às suas próprias convicções pelo fato da

[...] crença no poder manipulatório da mídia e, especialmente, da publicidade alicerça-se em uma conjectura: seria possível dispor de estratégias persuasivas, inclusive subliminares, que levassem as pessoas a agir até, eventualmente, contrariando seus verdadeiros interesses.¹⁶

Tudo isso devido ao jeito politicamente correto de expressão que dita a forma de pensar e conseqüentemente de se expressar, à sua maneira, mas se diante desta prerrogativa, houver um questionamento, é perceptível que não há necessidade disso, uma vez que cada um é responsável pelos seus atos, pelas suas escolhas.

¹⁴ HENNIGEN, Inês; BRANDELLI Costa, Ângelo. **Psicologia e publicidade: velhos e novos encontros**. Revista FAMECOS - Mídia, Cultura e Tecnologia, v. 16, n. 40, 2009. p. 119.

¹⁵ MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**; [tradução Eloá Jacobina], 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 25.

¹⁶ ROCHA, Silvia Pimenta Velloso. apud HENNIGEN, Inês; BRANDELLI Costa, Ângelo. **Psicologia e publicidade: velhos e novos encontros**. Revista FAMECOS - Mídia, Cultura e Tecnologia, v. 16, n. 40, 2009. p. 119.

4 Na onda politicamente correta, a mídia se lança e a sociedade só observa

Desde o seu surgimento, avanço e o que tem se tornado até o momento, o politicamente correto que é um “ramo do pensamento de esquerda americano”¹⁷ se volta para as minorias, por outro lado, se tem percebido que “a onda politicamente correta cresceu a ponto de tolher a liberdade de pensamento. O maior problema, porém, é outro: a reação torna tudo o que é incorreto "bacana". E abre espaço para a intolerância.”¹⁸ E diante de tudo isso, a mídia unilateral está lá ditando as regras.

Nas notícias, por exemplo, é comum inserir adjetivos como “suposto” ou advérbios como “supostamente” diante de qualquer qualificação que implique um insulto à imagem do outro. Essa utilização é tão frequente que tais termos se converteram em um mecanismo vazio, um instrumento polifônico para descarregar responsabilidade e, como consequência, enfatizar o que é dito, aumentando assim a sua visibilidade e carregando as tintas sobre seu significado. Justamente o que falante tenta evitar.¹⁹

É iminente a instrumentalização do modo de pensar, não há imparcialidade em programas de TV, ou seja, torna-se forçosamente uma inclinação a determinados conceitos ou fins para que o indivíduo seja aceito dentro de um dado contexto, ou no caso, diante da sociedade unilateralmente voltada para suas convicções, notadamente impregnada com aquilo que os meios de comunicação estabelecem como padrão, e não simplesmente apresentam, que seria o seu verdadeiro papel.

A partir desta relação, sociedade-mídia, surge a necessidade de um olhar atento e preciso para estabelecer constantes quanto aos valores assumidos nos mais diversos campos, isto é, os reais valores do homem enquanto ser racional, neste sentido “enquanto o *expert* perde a aptidão de conceber o global e o fundamental, o cidadão perde o direito ao conhecimento. A partir daí, a perda do saber, muito mal compensada pela vulgarização da mídia”²⁰ que tantas vezes leva a pessoa a abrir mão daquilo que lhe é tão pertinente, sua razão, e entrega de pronto esta capacidade de raciocínio para a “grande pensadora”. Não há o que temer, afinal tem quem pense por ele e é um pensamento padrão, muito bom saber que se está

¹⁷ PONDÉ, Luiz Felipe. **Guia Politicamente Incorreto da Filosofia**. São Paulo: Leya, 2012. p. 29.

¹⁸ HORTA, Maurício. **O que você pode falar, afinal?** Super Interessante – Cultura. Publicado em 21 jun 2011. Disponível: <<https://super.abril.com.br/cultura/o-que-voce-pode-falar-afinal/>>. Acesso em: 9 abr. 2018.

¹⁹ PELINSON, Fabiana. **Ampliações da polidez linguística e a inter-relação com o politicamente correto: novas reflexões e aproximações**. Estação Científica (UNIFAP), Macapá, v. 6, n. 1, jan./abr. 2016. p. 26.

²⁰ MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**; [tradução Eloá Jacobina], 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 19.

pensando de forma globalizada, que seu jeito de pensar é igual ao de outra pessoa com quem nunca se encontrou, a constatação se evidencia, uma vez tendo

[...] esta geração [...] como a primeira geração global da história e, além disso, é a primeira vez que as crianças puderam ensinar algo para os adultos – o manejo das tecnologias nas quais estão imersas desde o nascimento. Estas duas características fazem com que esta geração seja tão comentada, polemizada, pesquisada, elogiada e criticada. A atenção está voltada para ela em todos os âmbitos da sociedade.²¹

Neste contexto de globalização, em meio às mais diversas formas de expressões, nos deparamos com o crivo do politicamente correto, onde o espaço é predefinido por um molde já posto, visando um moderno posicionamento, não se fala mais o que deveria ser dito, antes deve-se tratar a expressão, medindo, cortando, diminuindo paráfrases, distorcendo por um lado, retorcendo de outro, e ao chegar fim do discurso percebe-se que se expressou não como gostaria, mais como a mídia o impôs que fizesse, gerando assim um contentamento aos ouvintes que já estão acostumados com esse padrão de eloquência, de oratória.

A regra fundamental da linguagem politicamente correta é [...]: nunca use uma palavra que humilhe, discrimine ou zombe de alguém... Não se deve dizer “Ele é aleijado”, “Ele é cego”, “Ele é deficiente” etc. O ponto crucial é o verbo “ser”. O verbo ser torna a deficiência de uma pessoa parte da sua própria essência. Ela é a sua deficiência. A “*PC language*”, ao contrário, separa a pessoa da sua deficiência. Em vez de “João é cego”, “João é portador de uma deficiência visual.”²²

Por fim, percebendo-se pouco ou nenhum questionamento no concernente ao assunto, toda a temática aqui abordada teve, antes, como critério principal, levar à reflexão algo tão pertinente aos cidadãos pressupondo-se que “sem dúvida há casos em que se pode perder toda a liberdade exterior, estar numa prisão, mas conservar a liberdade intelectual.”²³ Em verdade, é dura a realidade da mídia e suas facetas, todas em favor de uma massa que decide os caminhos, os meios e inclusive os fins *ad intra* sociedade para um mundo politicamente correto.

²¹ PIENIZ, MONICA. **Podemos aprovar sua cultura e sua mídia?** Revista Famecos - Mídia, Cultura e Tecnologia, 2010, v. 17, n. 3, ano 2010. p. 331.

²² ALVES, Rubem. **Linguagem politicamente correta.** Pragmatismo Político. Disponível: <<https://www.pragmatismopolitico.com.br/2014/07/rubem-alves-linguagem-politicamente-correta.html>>. Acesso em: 9 abr. 2018.

²³ MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento;** [tradução Eloá Jacobina], 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 126.

Considerações finais

Como resultado do fácil acesso à informação, corremos o risco de aceitar os mandos e desmandos da massificação, imediatamente, sem uma análise séria. Neste sentido, cabe uma reflexão profunda para uma posição coerente e perspicaz em meios às diversas facetas da mídia no tocante ao modo de apresentar suas ideologias. Este juízo só é alcançado por meio da tomada de consciência de valores e princípios, onde o valor da pessoa humana em sua liberdade de expressão não é vazio de sentido.

Os que ditam a maneira de se portar, tarjam as palavras para serem usadas, tudo é justificado em se tratar de um *gay*, pobre, negro, índio, ou seja, algumas das vítimas sociais do mundo contemporâneo. Não é negar que estes grupos não sofram por causa das desigualdades, mas é perceptível os exageros do politicamente correto e dos seus defensores com a capacidade de salvar o mundo na tentativa de fazer destes os proprietários exclusivos do sofrimento. E, infelizmente, na prática, esse processo pode se dá de forma violenta, por se apresentar autoritário, dado que pretende determinar o que é correto em relação ao que é incorreto.

Ora, devem ser preservadas as noções elementares da comunicação, sobretudo, recusar quando a mídia busca depositar o público-alvo numa espécie de molde, por intermédio do seu poder massificador para que todos pensem, falem, sejam iguais, visando ganhar sempre mais espaço, e uma vez estando em todos os lugares, com seu alcance gigantesco, é capaz de disseminar na sociedade este padrão, isto é, leva-la rumo a um mundo politicamente correto. Quanto a este movimento de ascensão, vale ressaltar que está marcado pela forma própria de atuação, onde não há visibilidade à alteridade, refugiando-se, por assim dizer, em comportamentos e atitudes preconceituosas. Mas, no fim das contas: “no fundo, você sabe que também achou graça da piada do seu amigo”, como diria Pondé.

Em um mundo cercado por desafios, o homem se organiza em seu espaço, isto é, forma uma comunidade, e enquanto ser social, a comunicação é imprescindível para a transmissão de valores. Há, portanto, a necessidade de uma base onde estejam presentes princípios sólidos, cuja veiculação não sofra interferência, e sejam calcados no agir do indivíduo, a fim de transformá-lo verdadeiramente e o faça lançar-se para viver a sua racionalidade, aquilo que norteia toda e qualquer atuação, diante da conjuntura a que está submetido. Ocorre que a onda do politicamente correto foi criando forma e tamanho a ponto de alcançar, e tomar a própria liberdade de pensamento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. [Tradução: Plínio Dentzien]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2003. 141 p.

CONTRERA, Malena S. **Ontem, hoje e amanhã: sobre os rituais midiáticos**. Revista FAMECOS - Mídia, Cultura e Tecnologia, Porto Alegre. v. 12. n. 28, 2005.

HENNIGEN, Inês; BRANDELLI Costa, Ângelo. **Psicologia e publicidade: velhos e novos encontros**. Revista FAMECOS - Mídia, Cultura e Tecnologia, v. 16, p. 117-123 n. 40, 2009.

JORON, Philippe. **A sacralização do cotidiano na mídia**. Contemporânea, v. 6, n. 2, 2008. p. 16 - 27.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**; [tradução Eloá Jacobina], 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, 128 p.

PAIT, H., SALES, R. **O jagunço eletrônico: patrimonialismo, mídia e democracia no Brasil**. Em: SIMIS, A., et al., orgs. Comunicação, cultura e linguagem [online]. São Paulo: UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. Coleção desafios contemporâneos, p. 191-211.

PELEGRINI, Sandra C. A. **Autoritarismo versus liberdade de expressão: o teatro brasileiro dribla a censura com perspicácia**. Revista Antíteses, v. 8, n. 15, p. 67 - 90, jan./jun. ano 2015.

PELINSON, Fabiana. **Ampliações da polidez linguística e a inter-relação com o politicamente correto: novas reflexões e aproximações**. Estação Científica (UNIFAP), Macapá, v. 6, n. 1, p. 19-34, jan./abr. 2016.

PONDÉ, Luiz Felipe. **Guia Politicamente Incorreto da Filosofia**. São Paulo: Leya, 2012. 232 p.

Resenha:

PIENIZ, MONICA. **Podemos aprovar sua cultura e sua mídia?** Revista Famecos - Mídia, Cultura e Tecnologia, 2010, v. 17, n. 3, ano 2010. p. 330 – 333.

Entrevista:

JORON, Philippe; Paul Valéry-Montpellier II. **A parte maldita e o lado escuro da TV brasileira**. Revista FAMECOS- Mídia, Cultura e Tecnologia, v. 12, n. 26, ano 2005. p. 7-15.

Sites:

PRAGMATISMO POLÍTICO: **Linguagem politicamente correta**. Disponível: <<https://www.pragmatismopolitico.com.br/2014/07/rubem-alves-linguagem-politicamente-correta.html>>. Acesso em: 9 abr. 2018.

PSICOATIVO: **Você está no controle do seu destino?** Disponível: <<http://psicoativo.com/2016/07/locus-de-controle-interno-externo-psicologia-teste.html>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

Super Interessante – Cultura: HORTA, Maurício. **O que você pode falar, afinal?**. Publicado em 21 jun 2011. Disponível: <<https://super.abril.com.br/cultura/o-que-voce-pode-falar-afinal/>>. Acesso em: 9 abr. 2018.

Dicionário eletrônico. Disponível: <<https://www.dicio.com.br/eletronico/>>. Acesso em: 9 abr. 2018.